**FACULDADE PATOS DE MINAS**

**DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**ANA LAURA SILVEIRA CALAZANS**

**UMA BREVE ANÁLISE COGNITIVO-COMPORTAMENTAL DO FILME ‘O QUARTO DE JACK’**

**PATOS DE MINAS**

**2019FACULDADE PATOS DE MINAS**

**DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**ANA LAURA SILVEIRA CALAZANS**

**UMA BREVE ANÁLISE COGNITIVO-COMPORTAMENTAL DO FILME ‘O QUARTO DE JACK’**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Arthur Siqueira de Sene

**PATOS DE MINAS**

**2019**FACULDADE PATOS DE MINAS

DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Curso Bacharelado em Psicologia

**ANA LAURA SILVEIRA CALAZANS**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 03 de dezembro de 2019.

Orientador: Prof. Me. Arthur Siqueira de Sene

Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira

Faculdade Patos de Minas

Examinadora 2: Profa. Dra. Danielle Ribeiro Ganda

Faculdade Patos de Minas

**DEDICO** este trabalho a psicólogos; professores e estudantes de psicologia, pedagogia e a quem porventura possa interessar.

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo dom da vida e por me abençoar todos os dias com o seu amor infinito; nos momentos de angústia quando pensei em desistir, Ele me ouviu, deu-me forças e ajudou-me a prosseguir.

Aos meus pais Fábio Calazans e Carolina Araújo, pessoas inspiradoras. Obrigada pelo amor incondicional e por acreditarem em mim. Vocês foram sustentáculos para enfrentar as lutas diárias.

Aos meus avós Vanderley Ricardo e Maria do Rosário, Pedro Calazans (in memoriam) e Maria Gomes, minha gratidão. Vocês contribuíram com valores importantes para a minha formação, colaborando também para a realização desta vitória.

Aos meus tios, primos, familiares e amigos, por confiarem no meu potencial e pelas palavras de ânimo. Aos meus irmãos Alice e Davi Calazans, que compreenderam minha ausência, me incentivaram e agora compartilham comigo este momento de alegria. À minha irmã Antonella Silveira, que chegou recentemente em minha vida e festivamente faz parte desta conquista.

Agradeço, especialmente, ao meu orientador Arthur Sene, que me auxiliou prontamente na realização deste TCC. Pela diretriz e organização neste trabalho, minha gratulação à professora Luciana Araújo e, singularmente, ao meu Coordenador Gilmar Antoniassi Junior, que durante todo o curso se empenhou nas melhores escolhas para a conclusão deste trabalho.

Assim, expresso meu reconhecimento a todos os professores, que durante esses cinco anos colaboraram agregando conteúdo e incentivo para a concretização deste sonho.

*Os homens agem sobre o mundo e o modificam e, por sua vez, são modificados pelas consequências de sua ação.*

[B.F.](http://pensador.uol.com.br/autor/clarice_lispector/) Skinner

**UMA BREVE ANÁLISE COGNITIVO-COMPORTAMENTAL DO FILME ‘O QUARTO DE JACK’**

**A BRIEF COGNITIVE-BEHAVIORAL ANALYSIS OF “THE ROOM”**

Ana Laura Silveira Calazans[[1]](#footnote-1)

Arthur Siqueira de Sene[[2]](#footnote-2)

**RESUMO**

A aprendizagem tem papel central para o desenvolvimento do ser humano, uma vez que estamos imersos em fatores que influenciam esse processo, tais como: cognitivos, biológicos, sociais, afetivos e comportamentais. Dessa forma, ela se configura como fundamental ao desenvolvimento infantil, pois a criança aprende construindo e reconstruindo seu pensamento, através de dois processos principais: a assimilação e a acomodação. O presente trabalho procurou analisar o filme “O Quarto de Jack” a partir da ótica do modelo cognitivo, em especial os aspectos que influenciam o processo de formação do sistema de crenças e suas subsequentes alterações ao longo de novas experiências de vida. Conclui-se que processos como a formação de laços, o desenvolvimento da tolerância à frustração, o papel da sobrevivência na adaptação social, a aprendizagem sobre responsabilidades e a percepção de liberdade são aspectos que atravessam o desenvolvimento cognitivo, afetivo e comportamental de um indivíduo fundamentando sua concepção de mundo.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Crenças. Desenvolvimento humano.

**ABSTRACT**

Learning plays a central role in human development, since we are immersed in factors that influence this process, such as cognitive, biological, social, affective and behavioral. Thus, is configurated as fundamental to child development, as children learn by building and rebuilding their thinking through two main processes: assimilation and accommodation. This paper aims to analyze the movie " The Room" from the perspective of the cognitive model, in particular the aspects that influence the process of belief system formation and its subsequent changes along a new life experiences. It is concluded that processes such as bond formation, the development of tolerance to frustration, the role of survival in social adaptation, learning about responsibilities and the perception of freedom are aspects that cross the cognitive, affective and behavioral development of an individual establishing your conception of the world.

**Keywords:** Learning. Beliefs. Human development.

**1 INTRODUÇÃO**

A aprendizagem tem papel central para o ser humano. Ela sustenta que a partir da experiência possamos criar e desenvolver nossa base cognitiva e motora; nossa sociabilidade, bem como a afetividade. As interações sociais têm forte papel nesse processo, pois desde os primeiros passos, as primeiras palavras até constituirmos a maioridade, novos conhecimentos, oportunidades e responsabilidades são adquiridos e reformulados quando necessário. Ambientes familiares; escolares, redes de suporte social, livros; filmes, músicas, internet, todas convergem no processo de formação que embasa o aprendizado ao longo da vida.

Segundo Bahls e Navolar (2004), o nosso conhecimento é criado e reformulado constantemente, e a teoria cognitiva se fundamenta ao dialogar sobre a natureza de conceitos e sua relação com a psicopatologia. Pereira e Rangé (2011) reforçam esse argumento apontando para o fato de que uma mesma situação gera respostas diversas em diferentes pessoas e que o sofrimento psicológico afeta percepção de si mesmo, do ambiente e de futuro do individuo, uma vez que, suas distorções atuam na interpretação dos fatos.

Na Terapia Cognitiva Comportamental (TCC), os pensamentos das pessoas são o centro da análise, pois caracterizam situações que podem provocar e causar distúrbios comportamentais, ou seja, a análise da relação entre os métodos cognitivos permite o entendimento dos comportamentos inerentes ao homem. (Kerbauy,1983).

Conforme Knapp (2004) o modelo cognitivo se estrutura a partir de três níveis básicos de cognição: os pensamentos automáticos, os pressupostos subjacentes (também intitulados de crenças intermediárias) e as crenças nucleares. O autor reforça que todas as pessoas possuem todos esses níveis de cognição e que eles não são exclusivamente negativos, pelo contrário, é uma mescla de padrões positivos e negativos.

Os pensamentos automáticos referem-se a cognições curtas e naturais. Assim o individuo nota com mais facilidade as emoções relacionadas ao pensamento do que a ideia do pensamento em si. São identificados pensamentos negativos e positivos e a relação desses pensamentos é ativada rapidamente pelas crenças e esquemas mais profundos do indivíduo (Beck & Dozois, 2011).

Kuyken, Padesky e Dudley (2010) destacam que as crenças intermediárias também podem ser intituladas de crenças associadas, pois se caracterizam por suposições e relações condicionais. Leahy (2006) reforça essa definição pontuando que as crenças intermediárias são baseadas em ordens, comportamentos ou hipóteses e representadas por afirmações do tipo "se... então" ou "deveria". White (2003) retrata que em geral as crenças condicionais se desenvolvem e ramificam com a soma de todas as crenças que foram aprendidas ao longo da vida no intuito de dar significado ao mundo.

Knapp (2004) aponta que as crenças nucleares caracterizam-se por serem ideias e conceitos sobre nós mesmos, sobre outras pessoas e o mundo, sendo formuladas desde a infância a partir de experiências de aprendizado. Portanto são mais profundas que os demais níveis de cognição, uma vez que elas são responsáveis por moldar a percepção e interpretação de eventos aos quais nos envolvemos.

Na atualidade é comum a tentativa de se controlar as estimulações que são recebidas por crianças, especialmente, com o argumento de que elas estão sendo protegidas, seja de uma frustração, de uma dificuldade ou mesmo privação de afeto. As relações estabelecidas desde a infância; dentre familiares, grupos sociais e ambiente circundante se mostram como elementos centrais no processo de desenvolvimento e constituição do ser.

O filme “O quarto de Jack” analisado no presente trabalho apresenta alguns desses fatores, bem como a formação de laços, o potencial de desenvolvimento de aprendizagens, o papel da sobrevivência em nossa adaptação social e, dessa maneira, possibilita reflexões instigantes a respeito do comportamento humano e seus aprendizados.

O presente trabalho procurou analisar o filme a partir da ótica do modelo cognitivo, em especial os aspectos que influenciam o processo de formação do sistema de crenças e suas subsequentes alterações ao longo de novas experiências de vida.

**2 DESCRIÇÃO DO FILME - O QUARTO DE JACK**

O filme se inicia apresentando dois personagens: Ma que seria Joy e Jack, mãe e filho respectivamente. Convivendo em um ambiente pequeno que por sua vez representa aspectos básicos de uma casa; com cama, armário, guarda-roupa, materiais de cozinha e de limpeza, dentre outros. Uma terceira personagem relevante é Nick, que será apresentado inicialmente e indiretamente como o dono da casa e aparente único individuo externo a ter contato com Joy nesse ambiente.

A cena inicial é composta por um diálogo a respeito da celebração do aniversário de Jack que completa cinco anos de vida. Joy prepara e confeita um bolo de aniversário para Jack. A referência utilizada para o bolo são imagens que Jack vê na televisão, porém ele se frustra e questiona a mãe sobre a diferença entre o bolo feito por ela e o que ele vê na TV, que possuem velas, muitas velas. Ele reclama com a mãe por que ela não pedira ao personagem Nick as velas ao invés de um jeans idiota no presente de domingo, já que o mesmo é mágico e consegue qualquer coisa. No decorrer do filme fica evidente que, enquanto estão no quarto, a única presença masculina e contato humano que ambos possuem é Nick. Além dele, o único contato com o “mundo externo” que se apresenta à mãe e ao filho é a visão de uma ‘janela’ localizada no teto, o que no desenrolar do filme fica evidente se tratar de uma claraboia.

As brincadeiras e as limitações de Jack são exploradas através do uso da imaginação (como o diálogo entre objetos inanimados) e sua capacidade de compreensão de ótica infantil sobre os acontecimentos do dia a dia. Joy se esforça para que o filho vivencie a experiência da infância da melhor forma possível, desde que circunscrito às limitações espaciais do quarto.

O momento de mudança ocorre para Joy quando em uma das visitas noturnas de Nick, após o aniversário de Jack, ele adormece junto a Joy na cama. Este fato mantém Jack preso dentro do guarda-roupa (situação comum, pois essa é a instrução da mãe para o filho em toda visita de Nick – ficar dentro do guarda roupa em silêncio e evitar o contato com Nick ou qualquer coisa que acontece fora do móvel). Durante a madrugada Jack sai do guarda roupa e se aproxima da cama para observá-los, Nick acorda e inicia um diálogo com a criança. Joy acorda assustada; ataca Nick, grita para que ele mantenha distância e não toque na criança. Nick fica furioso e começa a estrangular e asfixiar Joy com um travesseiro enfatizando aos gritos que quem manda no local é ele e que se em alguma outra oportunidade Joy tentasse atacá-lo novamente, a mataria.

Diante de toda a situação vivenciada, Joy toma uma atitude devido à rotina diária, seu esgotamento, cansaço físico e mental e o consequente aumento da falta de perspectiva de mudança. Ela começa a mostrar para o filho uma ampliação do que ele entende como mundo e existência, sinalizando em diálogos e exemplificando através das coisas que Jack assiste na TV, sobre a existência de outros planetas e sobre o alcance da televisão em forma de representar a vida comum, utilizando ainda a vista da janela no teto como exemplo. Jack então se irrita e não acredita na versão contada pela mãe, mas isso vai ficando mais claro quando Joy conta que nem sempre esteve no quarto e que quando ela tinha dezessete anos foi abordada na rua por um homem (Nick), que fingiu que seu cachorro estava doente e a sequestrou, trancando-a no quarto. Joy destaca ainda que Nick é o único que sabe a senha da porta e que ela está presa no quarto há sete anos.

Joy elabora um ousado plano de fuga, do qual Jack é a principal e mais importante peça. Na tentativa de ludibriar o personagem Nick, o menino deverá simular estar debilitado em consequência de uma forte febre, com a finalidade de ser levado a um hospital, conseguindo sair do quarto e posteriormente pedir ajuda para a mãe. Apesar da falha inicial do plano, Joy não desiste e vê uma nova saída decidindo agir de forma extrema. Fingindo a morte do filho devido ao agravamento da falsa enfermidade, Joy faz com que Jack memorize e treine uma sequência de ações que ele precisaria executar ao escapar do quarto. Assim, ela o enrola no tapete e quando Nick chega ao quarto é acusado de ter permitido que o menino se mantivesse doente e de não ter feito nada para impedir sua morte; sendo o culpado, já que Jack não teria resistido. Joy proíbe Nick de olhar ou tocar no garoto e diz para levá-lo a um lugar lindo e tranquilo.

Nick leva a criança embora, colocando o tapete na caçamba de sua caminhonete. Jack repete as instruções de sua mãe, “dentro da caminhonete role, quando o carro parar pule, peça ajuda...” e, com dificuldade, consegue se livrar do tapete e foge da caminhonete pedindo ajuda a um estranho que passa pela rua. A criança é impedida de entregar o bilhete que Joy havia escrito, porém o rapaz na rua fica desconfiado da ação de Nick e defende Jack. Nick, assustado, foge. Graças às instruções que Joy dera a Jack aliadas às descrições que o mesmo deu sobre a janela no teto e paradas feitas pelo veículo, os policiais conseguem localizar o local onde Joy se encontrava. Mãe e filho são resgatados e levados ao hospital pelos policiais, mas não conseguem prender Nick, que se torna um foragido.

Mãe e filho são então encaminhados para o reencontro com a família de Joy, que hoje está reorganizada devido ao divórcio dos pais. A mãe de Joy se encontra em um novo relacionamento com um antigo amigo da família e tanto ela quanto seu cônjuge aceitam a chegada de Jack. Entretanto o pai de Joy, avô de Jack, não tem a mesma postura rejeitando o garoto por não aceitar que ele seja fruto do abuso vivido por Joy.

Com tantas mudanças no círculo familiar, Joy aparenta deslocamento, reforçado pelo fato das antigas amigas da adolescência terem continuado com suas vidas. A casa em que a família se encontra é diferente das lembranças dela e até mesmo a pressão e exposição da mídia sobre suas decisões relacionadas ao filho Jack deixam Joy vulnerável. Essa fragilidade é representada por uma tentativa frustrada de suicídio por parte de Joy e seu lento e difícil processo de retorno ao convívio social mesmo com o auxílio de Jack.

A cena final é representada pelo ritual de despedida ao quarto a pedido de Jack, que tem dificuldade em reconhecer o lugar com a mesma visão que tinha sem a presença dos móveis e com a porta aberta. Por isso, ele pede para que a mãe feche a porta do quarto e com isso começa a se despedir imaginariamente dos antigos móveis e objetos que ficavam no ambiente, solicitando que a mãe também o faça.

**3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO FILME**

Inicialmente é necessário contextualizar em qual estágio de desenvolvimento encontra-se o personagem de Jack. Gazzaniga e Heatherton (2005) descrevem que Jean Piaget foi o pioneiro na discussão sobre a conexão entre o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento biológico. Os autores pontuam que Piaget estabeleceu quatro estágios distintos de desenvolvimento, sendo cada caracterizado por diferentes maneiras de pensar formando padrões mentais (esquemas) específicos a cada estágio de desenvolvimento. Dessa forma, os quatro estágios são: sensório-motor (nascimento – 2 anos), pré-operacional (2-7 anos), operacional concreto (7-11 anos) e operacional formal (de 11 anos em diante).

De acordo com Piaget (1971) a criança aprende construindo e reconstruindo seu pensamento através de dois processos principais: a assimilação e a acomodação de suas estruturas. A assimilação é a capacidade de incorporar um novo objeto ou ideia à estruturas já construídas ou consolidadas pela criança. A acomodação refere-se à tendência do organismo de ajustar-se a um novo objeto, alterando os esquemas de ação adquiridos, a fim de se adequar ao novo objeto recém-assimilado. Segundo Piaget o estágio sensório–motor é aquele ao qual a criança inicia o desenvolvimento das coordenações motoras, grossas e finas, aprende a diferenciar os objetos do próprio corpo, sendo que os pensamentos da criança são vinculados a uma percepção concreta do mundo.

Ao analisarmos o comportamento inicial de Jack nas primeiras cenas do filme assim como em seu transcorrer, percebemos que mesmo estando inseridos em situação de clausura, Joy foi capaz de auxiliar o desenvolvimento dos dois primeiros estágios de Jack, em especial, explorando os movimentos da criança através de brincadeiras imaginativas e lúdicas, trabalhando de maneira limitada, porém sistemática e centrada em suas ações, estimulando uma prática regular de exercícios físicos para condicionamento mesmo dentro das limitações nos quais ambos estavam sujeitos. Desse modo, Joy se esforça para que o filho vivencie experiências da infância mesmo inseridas em um contexto tão limitador como as questões espaciais e temporais.

Jack apresenta sinais claros de como sua percepção de mundo está inserida no estágio pré-operacional, uma vez que nele o pensamento da criança está centrada nela mesma, configurando-se como um pensamento intitulado egocêntrico. A criança tem dificuldade em assumir o ponto de vista de outras pessoas como fica evidenciado na cena da celebração de seu aniversário, na qual Jack se sente frustrado pelo fato do bolo feito pela mãe não ser igual ao modelo de bolo apresentado na TV e passa a indagá-la sobre o fato dela não ter pedido ajuda a Nick para conseguir os materiais necessários para criar um bolo semelhante inclusive com velas de aniversário.

Tal cena destacada anteriormente representa de forma clara como o raciocínio de Jack é baseado na aparência imediata e não na lógica, outra característica desse estágio de desenvolvimento ao qual ele está inserido. Jack encontra-se em um estágio no qual seus pensamentos ainda são rígidos; de visão unidimensional, tendo dificuldade em considerar a percepção do todo ao seu redor. Uma chance maior de cometer erros é um reflexo dessa condição, pois sua percepção não engloba a análise de detalhes de uma situação. Esse argumento pode ser verificado na cena em que Jack estando escondido dentro do armário por conta das regras estabelecidas por Joy, durante as visitas de Nick, decide possivelmente por curiosidade, sair do armário e se aproximar da cama onde se encontravam adormecidos sua mãe e Nick.

Essa aproximação aparenta um movimento de sondagem de Jack para descobrir quem é visualmente Nick, se ele de fato é um mágico real ou não, uma vez que ele sempre o vê por brechas do armário e através de objetos que ele traz para o quarto. Jack não percebe que essa aproximação é indevida para a mãe, pois a coloca em situação de perigo iminente, uma vez que a representação da relação de Joy com Nick é baseada em algo que ele “toma” ou “rouba” dela (inicialmente sua inocência e liberdade e consequentemente toda a sua vida). Por conta desse medo, Joy reage de forma abrupta e salta em direção a Nick no sentido de proteger Jack, sendo a partir daí agredida e ameaçada devido a sua ação. Assim, essa é uma situação na qual Jack pode ressignificar sua compreensão de imaginário e real, através dos processos de assimilação e acomodação com base em uma experiência de vida significativa.

Segundo Teodoro e Ohno (2017), o modelo cognitivo é baseado na concepção de que o processamento e estruturação da realidade se dão por meio das cognições e essas têm influência direta nos comportamentos dos indivíduos bem como na forma como se sentem. Os autores destacam que para a compreensão do processo de formação de crenças é fundamental que sejam analisados as formas como um indivíduo se organiza, baseando-se na integração de desenvolvimento do próprio indivíduo, a aquisição de novos conhecimentos e a interação entre sujeito e objeto.

A cena inicial do filme pode ser analisada com base na estruturação da realidade, uma vez que é calcada em Jack contando a história de sua “chegada” à vida de Joy e como ele “entende” o mundo a partir do que fora explicado por sua mãe. Jack rotula tudo em termos de “real ou não”, sejam os animais, os planetas, as plantas, as pessoas, a programação da televisão, dentre tantos outros. Mais do que a simples diferenciação entre “real e não”, observa-se um atravessamento lúdico entre esses construtos na construção de realidade do garoto, pois ele o assim foi ensinado. Esse ensino também foi calcado em explicações que reduzissem a possibilidade de questionamentos pessoais por parte de Jack, uma vez que se trata de uma temática delicada para Joy, vide que o sequestro e os abusos são feridas abertas diante de sua realidade. Assim, Jack pode ser compreendido como um agente de mudança importante, pois para Joy ele é um presente para dar sentido a sua própria vida instaurando alguma esperança na personagem.

Retomando a cena em que Jack sai do armário, observamos que Joy se desequilibra diante da possibilidade de que algum mal seja feito ao seu filho, especialmente por tomar como referência a dimensão do estrago em sua vida desde que fora raptada por Nick. Visando prolongar sua sobrevivência a mãe se posiciona de maneira passiva em relação a Nick por temer reprimendas severas. Podemos compreender esse estado de Joy como um comportamento de desamparo aprendido. Hunziker (2005) descreve que o desamparo aprendido alude à exposição prévia de indivíduos a estímulos aversivos incontroláveis resultando na dificuldade de aprendizagem desses indivíduos. Seligman (1977) destaca que, após uma experiência traumática na qual o indivíduo não pode controlar o que acontece, a motivação desse indivíduo se enfraquece para responder a traumas sequentes.

Segundo Ferreira e Tourinho (2013) a literatura sobre desamparo aprendido aponta que um padrão de comportamento associado ao desamparo aprendido é resultado de uma experiência de incontrolabilidade do ambiente por parte do indivíduo, sendo inclusive um fator associado ao desenvolvimento da depressão.

Nesse ponto, a análise perpassa por Joy que se encontra em um ambiente no qual ela é cerceada e seu poder de decisão ou controle sobre o que acontece é basicamente nulo o que reforça a avaliação que ela apresente um comportamento de desamparo aprendido. Além disso, mesmo que o espectador seja informado indiretamente por Jack da condição que a mãe já vivenciou períodos ao longo dos anos aos quais se encontrou com comportamento choroso, sem energia para sair da cama e não conseguindo realizar nenhuma tarefa doméstica, observa-se que esse conjunto de sintomas se aproxima do diagnóstico de um evento depressivo.

De acordo com Lopes e Lopes (2015) as crenças são produtos da aprendizagem humana, sendo armazenadas no cérebro e acessadas automaticamente diante de qualquer experiência cotidiana. Os autores reforçam ainda o papel da aprendizagem no processo de determinação de habilidades e competências da rotina diária de cada indivíduo. Portanto, independente se estamos diante de uma situação funcional de vida ou uma disfuncional, tendemos a utilizar as condições básicas ora aprendidas em nosso processo educacional. É a partir do momento que as estratégias automáticas falham que buscamos sair desse modo automático para aprender novas possibilidades e consequentemente buscar formas de ação diferentes.

Esse argumento é nítido como ponto de ruptura na rotina de Joy e Jack, quando a mãe decide elaborar um plano de fuga amparado na participação do filho como isca para ter acesso indireto ao mundo exterior. A tarefa é recebida com desconfiança por Jack, pois ele precisa realizar algo totalmente distinto do que ele já fez em sua vida. Para tanto ele segue estritamente as instruções/ordens da mãe a partir da voz dela que repete em sua lembrança “Furgão; saia; salte; corra; procure alguém, alguma pessoa; peça ajuda; salte quando o furgão estiver devagar, quando parar no sinal...”

Segundo Reis, Habigzang e Sperb (2015) é na idade de cinco anos que as crianças aprendem a diferenciar a emoção expressa e emoção verdadeira. Os autores reforçam que diante de uma situação na qual ocorre uma emoção repetitiva, a criança na faixa etária de 4-5 anos percebe que independente dessa reação emocional ser positiva ou negativa, inicialmente essa emoção se apresenta forte e gradualmente diminui, influenciando o desaparecimento do pensamento associado. Os autores destacam ainda que a regulação emocional infantil é um processo gradativo associado ao desenvolvimento cognitivo e social compreendendo habilidades cognitivas (conhecer, nomear, simbolizar, identificar, raciocinar, traduzir em palavras as emoções), fisiológicas (modulação, alteração, intensidade ou duração de estados internos e respostas fisiológicas) e comportamentais (esquemas de ação, como pedir auxílio, verbalizações e brincadeiras).

A saída do quarto tem funções diferentes para as personagens centrais. Para Joy trata-se de um processo de retomada de contato com o mundo externo, enquanto para Jack trata-se do contato inicial com o restante do mundo. Esse processo é permeado por diversos fatores comuns aos processos de adaptação humana. Enquanto Jack sofre com respostas fisiológicas ansiogênicas durante o processo preparatório e a própria fuga (respiração ofegante, tremores), verbalizando as emoções desconfortáveis que sente durante o processo (habilidades cognitivas) e posterior dificuldade em verbalizar (habilidade comportamental) ao solicitar ajuda durante a fuga ou mesmo após o resgate e contato primário com os familiares, Joy tem nos esquemas de ação associados a sair de uma situação e pedir ajuda (habilidades comportamentais) o ponto que sustenta e atravessa sua avaliação emocional e cognitiva de decidir sair do quarto e seu quadro de privação.

A percepção de liberdade é trabalhada com afinco após Joy e Jack serem resgatados. Joy demanda um processo de readaptação ao mundo que ela conhecia, mas não vivenciava nos últimos sete anos. Já para Jack é um processo de descoberta, de curiosidade, ao qual ele vai aprendendo gradualmente com cada elemento novo que tem contato. Esse ponto é expresso nas cenas em que Jack experimenta eventos sociais diversos, como a brincadeira de bola com um vizinho, as conversas com o namorado da avó, as interações com o cachorro. Observa-se um ganho gradual de sociabilidade da criança, ao passo que a mãe se isola, permanecendo deitada, calada e sem energias, além de pouco se envolver nesses processos do filho.

Um ponto que reforça essa condição refere-se a retomada de vínculos familiares, em especial a aproximação e compreensão da mãe de Joy em relação ao processo de readaptação da filha. Podemos destacar as cenas em que a mesma, executa funções de cuidado antes exclusivas à Joy na criação e educação de Jack. Como o momento em que Jack diz a sua avó que gostaria de cortar seus cabelos, e então a própria avó lava carinhosamente os cabelos do neto e o corta. As cenas que representam a aceitação da existência e presença de Jack como qualquer outro ser humano também exemplificam a capacidade de compreensão e tomada de perspectiva da mãe de Joy, uma vez que seu ex-marido não tem essa mesma postura e personifica Jack como um produto do abuso, por isso mantendo - se distante tanto da criança como da própria filha. Outra cena representativa é a do momento em que Joy vulnerável com a dificuldade de adaptação ao mundo externo, acometida por sentimentos mistos de dor, revolta e raiva, culpabiliza a mãe por tê-la criado para ser “uma boa menina” e que isso a levou a acreditar no pedido de ajuda de um estranho na rua levando-a ao seu sequestro.

Outra questão pertinente sobre os vínculos e redes de apoio para Joy são os insistentes pedidos de entrevistas para a mídia e os reflexos que a própria entrevista em si gera na personagem. Joy é questionada sobre a decisão de manter Jack consigo após seu nascimento, o impacto que esse cerceamento pode ter gerado em Jack, as oportunidades de desenvolvimento social as quais ele não pode participar, o que a coloca em uma posição na qual se vê julgada. Ao se perceber nessa posição Joy se fecha e passa a se isolar socialmente, inclusive do filho. Em busca do alívio dos sofrimentos, Joy consome um excesso de medicamentos na tentativa frustrada de aliviar as lembranças dos momentos de aprisionamento e a idealização das relações em seu mundo antes do rapto.

A tentativa de suicídio demarca uma mudança na relação de forças dos protagonistas. Antes numa posição de cuidadora Joy agora precisa de cuidados e são as aprendizagens anteriores de Jack que possibilitam que a criança procure ajudar a mãe com tais ensinamentos. As cenas que retratam tal questão apresentam Joy sendo tomada por sintomas como: dificuldades em dormir, tristeza constante e profunda, irritabilidade e avaliação de incapacidade em lidar com as mudanças e com seu episódio traumático. É Jack quem encontra a mãe desacordada e pede ajuda.

Acreditando nas histórias que Joy contava a ele sobre Sansão, um homem forte cuja força é proveniente de seus cabelos, Jack pede a sua avó que o ajude a cortar seu cabelo que é de onde vem sua força, afirmando que não precisa mais dele e que agora sua mãe precisaria mais, portanto gostaria de enviar para ela. Joy posteriormente envia uma carta para Jack agradecendo e afirmando que logo estará em casa. O que reforça essa perspectiva da inversão de forças entre as personagens, o cuidador se torna a pessoa a ser cuidada.

Por fim, a cena final evidencia como o ritual de despedida de Jack acaba sendo mais significativo para Joy que para o próprio filho, quando este pede que ela se despeça do quarto como se representasse o fechamento não só do micromundo criado e vivido por Jack como também de todo o sofrimento dos últimos sete anos de Joy.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme trabalha com a formação e reformulação de concepções de mundo de mãe e filho. A vida de Joy estagnou no exato instante em que fora sequestrada por Nick. Enquanto tudo do lado de fora do quarto continuou a seguir um fluxo natural e constante da vida, considerando aqui o rapto como parte do processo de buscar novos sentidos aos dias para os familiares de Joy.

Joy segue lutando contra diferentes tipos de dificuldades que a colocam em posição de vulnerabilidade, desde os “dias tristes” dentro do quarto aos “dias tristes” depois de sua saída. Imensos conflitos internos como a curiosidade daqueles que não vivenciaram a situação; o confronto que Joy tem com sua mãe, os problemas financeiros que a colocam diante da situação de exposição de tudo que vivenciou e o julgamento das escolhas que fez relacionada a si mesma e ao filho.

Uma das questões mais impactantes nesse processo é a visão de Joy, quanto a sua percepção de estar em liberdade, mas não sentir-se totalmente livre, especialmente, por conta das memórias e emoções associadas as experiências no ambiente de clausura do quarto gerando reflexos em suas avaliações sobre o futuro, pois seus sonhos foram inicialmente interrompidos e aparentam não mais fazer sentido depois da experiência do aprisionamento. A ruptura quanto ao novo se torna um fardo pesado para Joy que precisou aprender a cuidar do outro em detrimento ao próprio cuidado. Em contrapartida, Jack se fortalece ao observar a mãe em estado frágil, desenvolvendo algum nível de maturidade referente a aceitação de novas condições e situações, bem como a experimentação de emoções e sensações distintas do ambiente do quarto influenciando na formação do seu sistema de crenças.

O presente trabalho não teve como intuito o esgotamento do tema, uma vez que essa análise se trata apenas de uma das possibilidades de compreensão do filme. Por ser uma obra artística, uma gama de fatores interatuam não somente no roteiro, bem como na interpretação realística da história realizada pelos autores. Sugere-se realizar uma análise mais aprofundada sobre como o modelo cognitivo pode compreender, em especial, no que tange a construção de crenças adaptativas das personagens e como essas se relacionam com as construções negativas anteriormente aprendidas.

**REFERÊNCIAS**

Abrahamson, L. (Diretor). (2016). *O quarto de Jack* [Filme Cinematográfico].

Bahls, S. C., & Navolar, A. B. B (2004). Terapia cognitivo-comportamentais: conceitos e pressupostos teóricos. *Psico Utp online*. 04.

Ferreira, D. C., & Tourinho, E. Z. (2013). Desamparo aprendido e incontrabilidade: relevância para uma abordagem analítico-comportamental da depressão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa.* 29(2) 211-219.

Gazzaniga, M. S., & Heatherton, T. F. (2005). *Ciência psicológica: mente, cérebro e comportamento*. Porto Alegre: Artmed.

Hunziker, M. H. L. (2005). O desamparo aprendido revisitado: estudos com animais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 131-139.

Knapp, P. (2004). Terapia cognitivo-comportamental na prática psiquiátrica. Porto Alegre, Artmed.

Lopes, R. F. F., & Lopes, E. J. (2015). *Conhecendo-se para educar: orientação cognitivo-comportamental para pais.* Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015.

Reis, Habigzang e Sperb. (2015). Promoção de saúde mental e prevenção aos transtornos mentais em terapia cognitivo-comportamental. In Federação Brasileira de Terapias Cognitivas, Neufeld, C. B., Falcone, E. M. O. & Rangé, B. (Orgs.) *PROCOGNITIVA: Programa de Atualização em Terapia Cognitivo-Comportamental: ciclo* *1*. (pp. 9-62). Porto Alegre: Artmed Panamericana. (Sistema de Educação Continuada a Distância, v. 4).

Pereira, M., & Rangé, B. P. (2011). Terapia cognitiva. In: Rangé, B. P. *Psicoterapias cognitivo-comportamentais: um diálogo com a psiquiatria.* (pp. 20-32). Porto Alegre: Artmed.

Piaget. J. (1971). *A Epistemologia Genética.* Trad. Nathanael C. Caixeira. Petrópolis: Vozes.

Seligman, M. E. P. (1977). *Desamparo: Sobre depressão, desenvolvimento e morte* (1a ed.; M. T. A. Silva & S. M. Carvalho, Trads.). São Paulo: HUCITEC. (Trabalho original publicado em 1975).

Teodoro, M. L. M., & Ohno, P. M. (2017). *Desenvolvimento do sistema de crenças.* In*: Federação Brasileira de Terapias Cognitivas.* Neufeld, C. B., Falcone, E. M. O., & Rangé, B. P. (orgs). *PROCOGNITIVA Programa de Atualização em Terapia Cognitivo-Comportamental: ciclo 4* (pp. 9-54). Porto Alegre: Artmed Panamericana. (Sistema de Educação Continuada a Distância, v.1)

**ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**

**Autor Orientando:**

Ana Laura Silveira Calazans

Rua Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220 Bairro: Cidade Nova – Patos de Minas - MG – Cep: 38.706-002

Telefone de contato: (34) 3818-2300

a.l.sc@hotmail.com/alauracalazans@gmail.com

**Autor Orientador:**

Arthur Siqueira de Sene

Rua Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1220 Bairro: Cidade Nova – Patos de Minas - MG – Cep: 38.706-002

Telefone de contato: (34) 3818-2300

Email: arthurssene@gmail.com

**DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Patos de Minas, 03 de dezembro de 2019.

.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Ana Laura Silveira Calazans

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Arthur Siqueira de Sene

****

**FACULDADE PATOS DE MINAS**

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

**Departamento de Graduação em Psicologia**

**Curso de Bacharelado em Psicologia**

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC Nº. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME Nº. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, nº. 65, sessão 1, pág. 70-81

*“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”*

*(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)*

1. Graduanda em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM). alauracalazans@gmail.com

   2 Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente e orientador do Departamento de Graduação em Psicologia da FPM. arthurssene@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. [↑](#footnote-ref-2)